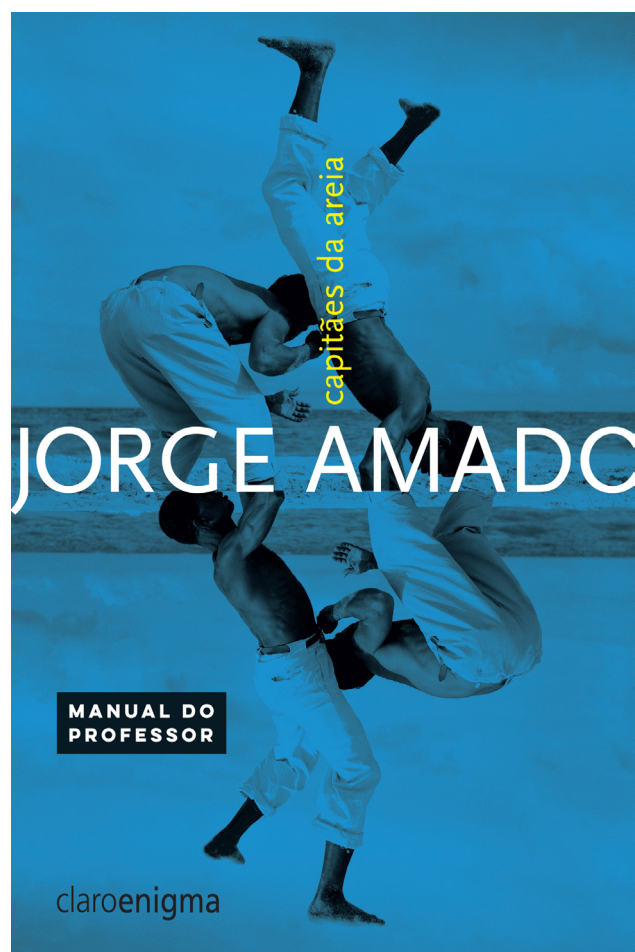


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALINE EVANGELISTA MARTINS,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC



claroenigma

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALINE EVANGELISTA MARTINS,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO MARIA FATIMA DA FONSECA,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO
CAPITÃES DA AREIA

AUTOR
JORGE AMADO

TEMAS
**PROJETOS DE VIDA;
INQUIETAÇÕES DA JUVENTUDE;
A VULNERABILIDADE DOS JOVENS;
PROTAGONISMO JUVENIL**

GÊNERO LITERÁRIO
ROMANCE

claroenigma

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Revisão

Angela das Neves

Aminah Haman

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Martins, Aline Evangelista

Material digital do professor — Capitães da Areia / Aline
Evangelista Martins ; coordenação de Maria Fatima da
Fonseca ; CEDAC. — 1ª ed. — São Paulo : Claro Enigma,
2021.

Bibliografia

ISBN 978-85-8166-153-7

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Amado, Jorge.
Capitães da Areia. III. Fonseca, Maria Fatima da. IV. CEDAC

21-0690

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — Parte cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

SUMÁRIO

Apresentação, 5

Carta, 7

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **12**

Pré-leitura, 14

Leitura, 17

Pós-leitura, 24

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **27**

Pré-leitura, 28

Leitura, 31

Pós-leitura, 34

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **37**

Sugestões de referências complementares, **41**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **45**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Capitães da Areia*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários

da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e os estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Jorge Amado foi um talentoso criador de personagens. Tieta, Gabriela, Nacib, Dona Flor, Vadinho e Teodoro, os dois maridos, Tereza Batista, os cativantes Capitães da Areia, entre outros, são referências tão presentes que quase os confundimos com pessoas de carne e osso, cujas histórias são lembradas e contadas. O escritor baiano foi também um mestre na descrição de ambientes: o cais do porto, o areal, as ladeiras de Salvador, as cores de Ilhéus, o sertão, as plantações de cacau, as muitas facetas de uma Bahia em tudo diversa, bonita e fascinante — embora nem sempre justa, nem sempre acolhedora.

Para entender a origem de uma representação tão forte de uma parte do Brasil e dos brasileiros, é importante considerar a trajetória do autor.

Como você leu na cronologia (p. 277), **Jorge Amado** nasceu em 1912, em uma fazenda de cacau, no interior da Bahia, e antes de completar dois anos mudou-se para Ilhéus, onde viveu a infância e os primeiros anos da juventude. Foi nessa cidade do litoral baiano que o escritor aproximou-se do universo do mar, elemento tão presente em sua obra. E foi lá também que teve os primeiros contatos com temas que, anos depois, estariam presentes em seus livros: conflitos entre patrão e empregados, disputa pela terra e pelo poder, histórias de amor, rivalidade e sedução, enfim, facetas de um Brasil e de brasileiros que mais tarde seriam inspiração para sua literatura.

Aos dezenove anos mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou no curso de Direito. Seus anos de vida acadêmica coincidiram com uma fase de intensa politização dos intelectuais e um momento de renovação dos estudos sobre a formação social do Brasil. É desse período a obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre (1933), que influenciou os escritores da Geração de 30 — grupo do qual faziam parte Graciliano Ramos (1892-1953), José Lins do Rego (1901-57), Erico Verissimo (1905-75) e Rachel de Queiroz (1910-2003), entre outros escritores que abordavam as questões sociais e valorizavam as particularidades regionais em sua literatura. Foi em meio a essa cena cultural, e bastante influenciado por ela, que o jovem universitário Jorge

Amado publicou seus três primeiros romances: *O país do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933) e *Suor* (1934).

A atividade política, que teve início bem cedo, antes mesmo do ingresso na universidade, intensificou-se com os anos. Jorge Amado filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), militou durante alguns anos e chegou a ser preso, em 1936, acusado de participar da Intentona Comunista.

A combinação entre censura, repressão e propaganda produziu uma tempestade ideológica que demonizou a atuação dos comunistas, infundiu terror no coração da população católica e das classes médias e altas, e consolidou um imaginário anticomunista que acompanharia a história política do país pelos cinquenta anos seguintes. Os levantes de 1935 converteram-se, pelo discurso oficial, na **Intentona Comunista** — “intentona” significa “intento louco ou insensato” —, e uma carga injuriosa de crimes foi imputada aos rebeldes: os oficiais comunistas seriam acusados de ter assassinado friamente os próprios companheiros legalistas do 3º Regimento de Infantaria enquanto estes dormiam; o levante em Natal [em novembro de 1935] teria sido acompanhado por saques, depredações, invasões e estupros. [SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 373-4.]

O ano seguinte foi especialmente tumultuado: o Estado Novo instalou-se no Brasil, Jorge Amado foi preso pela segunda vez e seus livros foram queimados em praça pública na cidade de Salvador, permanecendo censurados até 1943.

O Estado Novo foi o regime político instaurado pelo presidente Getúlio Vargas, em 1937.

O centro de sustentação do Estado Novo estava corporificado funcional e pessoalmente na figura de Vargas — o único civil a comandar uma ditadura no Brasil, garantida pelas Forças Armadas, em especial pelo Exército, e apoiada numa

política de massas. [...] Também tinha nome e tonalidade fascistas. “Estado Novo” designava a ditadura de Salazar, iniciada em Portugal em 1932, e o regime brasileiro compartilhava alguns traços com o fascismo europeu: a ênfase no poder do Executivo personificado numa liderança única; a representação de interesses de grupos e classes sociais num arranjo corporativo, isto é, sob a forma de uma política de colaboração entre patrões e empregados, tutelada pelo Estado; a crença na capacidade técnica posta a serviço da eficiência do governo e acompanhada da supressão do dissenso. Apesar disso, no caso do Estado Novo imposto por Vargas, não se tratava de um regime fascista, e menos ainda da reprodução de um modelo fascista europeu [...]. Sua natureza era outra: autoritária, modernizante e pragmática. [SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 374-5.]

O regime durou até 1946, quando começou o mandato do general Enrico Gaspar Dutra, eleito por voto no ano anterior.

Capitães da Areia veio ao mundo naquele turbulento ano de 1937, pouco antes da fogueira que deu início à clandestinidade dos livros de Jorge Amado. Censurado no nascimento, destinado a virar cinza nos primeiros meses de existência, clandestino de nascença. O futuro do romance não parecia muito promissor. Mas, como indica a cronologia, o contexto mudou entre o final dos anos 1930 e o começo da década seguinte: o autor saiu da prisão, foi eleito deputado federal pelo estado da Bahia, seus livros voltaram a circular, muitos outros livros seus foram publicados e, com o passar dos anos, o escritor foi cativando leitores de todas as idades, em todos os cantos do Brasil e também no exterior. Prêmios nacionais e internacionais e uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), além de muitas obras adaptadas para o teatro, o cinema, a televisão e o rádio, ampliaram o alcance da literatura de Jorge Amado, consagrando-o no mundo todo.

A obra de Jorge Amado recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, entre os quais se destacam: Latinidade (França, 1971), Luís de Camões (Brasil e Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1995) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997).

Entre as muitas obras aclamadas pelo público, *Capitães da Areia* é a mais lida no Brasil, além de ter feito sucesso internacionalmente, tendo sido publicada em mais de quinze países. Sendo um **romance**, ou seja, uma narrativa de ficção caracterizada pela coexistência de várias células dramáticas e múltiplos conflitos, o livro descreve as dores e as delícias da vida de um grupo de meninos abandonados, que vivem nas ruas de Salvador. Como é possível que suas emoções sejam compreendidas e sentidas em todo o Brasil e em tantos lugares do mundo? Sendo tão regional, é possível ser tão universal?

Ainda que não possamos contemplar aqui toda a complexidade do tema, podemos nos ater a alguns pontos fundamentais, que nos ajudam a elaborar respostas a essas perguntas: a leveza de vivências e **inquietações próprias da juventude** — brincadeiras, namoro, dinâmica da vida em grupo, entre outras — articula-se à aridez de temas fortes e complexos, muitas vezes desconhecidos pelo jovem leitor, que tem oportunidade de ampliar a própria experiência por meio da leitura, na companhia de personagens intensos, multifacetados, às voltas com o desafio de descobrirem-se a si mesmos e aos semelhantes, ao longo da jornada a um só tempo fascinante e assustadora do amadurecimento. A **vulnerabilidade dos jovens** abandonados por pessoas e instituições que deveriam cuidar deles contrasta com a força do grupo e de cada um dos personagens — meninos livres e autônomos, **protagonistas** de situações de solidariedade, união e justiça; pessoas capazes de traçar os mais variados **projetos de vida**, apesar das dificuldades, e, em algumas situações, por causa delas.

O anseio de conhecer o outro, de entender suas motivações e de compreender por que sentem e agem de determinada forma são próprios do ser humano. A literatura nos brinda com a oportunidade de atender a esses desejos, por meio de experiências de leitura que podem ficar guardadas na memória para sempre. Foi o que ocorreu com o escritor amazonense Milton Ha-

toum (1952), que escreveu o posfácio. Ele se recorda de ter conhecido a Bahia aos catorze anos, ao ler *Capitães da Areia*: “Foi a descoberta de um Brasil que eu desconhecia”. Hatoum diz ter sido impactado porque o livro o tirou do seu lugar, levando-o para “o coração de Salvador”. Comentando suas memórias de leitura, por ocasião do centenário de Jorge Amado, Hatoum ressalta que nesse romance o leitor quase pode tocar as personagens, tamanha a força com que elas se apresentam e, pouco a pouco, se fazem conhecer.

Para ouviro depoimento de Milton Hatoum sobre suas experiências de leitura dos livros de Jorge Amado, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=0RW0fNLJQs4>. Acesso em: 15 set. 2020.

Um bom clássico atravessa os tempos e permanece atual ao longo das gerações. Facultar aos estudantes experiências literárias tão impactantes quanto as que podem ser proporcionadas por *Capitães da Areia* garante acesso ao patrimônio literário de que são herdeiros, favorece que compartilhem referências com leitores de diferentes gerações e, não menos importante, possibilita “a apreensão do imaginário e das formas de sensibilidade de uma determinada época, de suas formas poéticas e das formas de organização social e cultural do Brasil, sendo ainda hoje capazes de tocar os leitores nas emoções e nos valores.” (BRASIL, 2018, p. 513)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1: Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

HABILIDADES

(EM13LGG102): Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias como forma de ampliar suas possibilidades de explicação e interpretação crítica da/na realidade.

(EM13LP06): Analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de elementos sonoros (volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização etc.) e de relações com o verbal, levando em conta esses efeitos na produção de áudios, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.

(EM13LP10): Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos.

(EM13LP50): Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam.

(EM13LP53) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários e artísticos, *playlists* comentadas, fanzines, *e-zines* etc.). (BRASIL, 2018)

Ainda que os jovens leitores do Novo Ensino Médio em geral sintam uma conexão com o tema e o universo representado em *Capitães da Areia*, faz-se necessário apoiá-los com recursos que permitam a apreciação da linguagem artisticamente organizada e a ampliação de conhecimentos sobre o contexto histórico e geográfico. Esses desafios podem ser vencidos com apoio do professor e, de forma mais ampla, da comunidade de leitores na sala de aula, por meio da leitura compartilhada.

Sobre a **leitura compartilhada**, situação em que estudantes leem juntos e discutem o que leram, ora com mediação do professor, ora em grupos de discussão, a pesquisadora espanhola Teresa Colomer afirma que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (2007, p. 143)

Ao planejar a leitura, é preciso ter em conta as competências que serão trabalhadas no ano letivo, bem como o que cada capítulo potencializa para comentários e discussões. Tendo esses aspectos em mente, o professor decide o que será discutido antes, durante e depois da leitura.

Pode ser conveniente ler um capítulo por dia, ou alguns capítulos a cada sessão de leitura. Essa é uma escolha do professor. Também pode ser combinado um trabalho que articule a leitura compartilhada de alguns capítulos em sala de aula e a autônoma de outros em casa. Por exemplo: na primeira semana, a leitura compartilhada dos capítulos 1 a 5; na segunda semana, a autônoma dos capítulos 6 e 7 e a discussão sobre eles em sala de aula; então repetição de leitura compartilhada, mas agora do capítulo 8. Ao elaborar o cronograma, sugerimos que os capítulos mais complexos, que requeiram mais mediação, sejam reservados para leitura compartilhada.

Durante a leitura compartilhada, o professor lê em voz alta e faz pausas estratégicas, para acolher perguntas e comentários feitos pelos estudantes, lançar questões ao grupo, pedir que comentem algum acontecimento, propor a troca de ideias sobre determinados temas, entre outras possibilidades. As pausas são momentos em que o livro é discutido, a partir de uma proposta feita pelo professor, mas sempre levando em conta os temas que os jovens trazem em suas observações espontâneas. É muito importante considerar que não se trata de fazer perguntas que tenham uma resposta objetiva e única. As propostas de discussão visam à troca de ideias sobre temas diversos.

Nas atividades sugeridas a seguir exploramos essas possibilidades de encaminhamentos para a leitura compartilhada da obra *Capitães da Areia*.

PRÉ-LEITURA

Iniciar a leitura de um romance é como ingressar em um novo mundo, onde tempo, ambiente, personagens e regras de funcionamento são revelados aos poucos. Por isso, a entrada nesse mundo de ficção será mais interessante caso os estudantes tenham oportunidade de criar hipóteses, formular questões e levantar conhecimentos prévios que podem ser postos em jogo durante a leitura.

Para tanto, é importante que sejam planejadas atividades de pré-leitura, que abram as portas para a apreciação estética e a fruição da obra. As seguintes propostas buscam mobilizar referências, favorecer antecipações, estabelecer relações e aguçar a curiosidade.

EXPLORAÇÃO DO TÍTULO E DA CAPA

O professor pode encorajar os estudantes a observarem que a palavra *capitães* está no plural, o que sugere que o protagonismo será compartilhado entre várias personagens. Também é interessante explorar o sentido da palavra, as impressões que ela causa e o que ela convida a pensar: que tipo de pessoa é designada de *capitão*? Como é um capitão?

O título vincula esses capitães a um lugar: as areias do cais do porto. É interessante incentivar os estudantes a pensarem neste vínculo: quem seriam os capitães da areia? Podem ser apresentados outros livros, filmes, peças de

teatro, canções ou telenovelas que associem personagens a um lugar, como *Tieta do agreste*, *Os meninos da rua Paulo*, *Menino do Rio*, *Garota de Ipanema*, entre outros, para que os estudantes analisem como o vínculo é ressaltado quando a relação de procedência ou pertencimento é destacada no título.

A análise da capa pode partir das relações entre:

- a imagem dos dois capoeiristas e o substantivo *capitães*, no plural;
- o lugar onde ocorre o jogo de capoeira, na foto, e a palavra *areia*, presente no título.

Marcel Gautherot (1910-96), autor da imagem da capa, foi um fotógrafo francês que se mudou para o Brasil na década de 1940. O interesse pelo nosso país foi despertado justamente por um livro de Jorge Amado, *Jubiabá*. Informações sobre esse fotógrafo que fez retratos tão sensíveis do povo brasileiro podem ser encontradas na *Enciclopédia Itaú Cultural*: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa226/marcel-gautherot>. [Acesso em: 8 out. 2020.]

Também é interessante incentivar que falem sobre as habilidades que caracterizam os capoeiristas: agilidade, jogo de cintura, capacidade de defesa. Tendo em vista todos esses elementos, os estudantes podem ser encorajados a antecipar possíveis características das personagens do livro e do contexto em que vivem. Em seguida, sugere-se a leitura da quarta capa, que traz um trecho da narração da luta que assegura a Pedro Bala a liderança do grupo. Esse fragmento evidencia algumas das ideias exploradas na análise do título e da capa, como agilidade (traço marcante dos capoeiristas) e liderança (atributo sugerido pela palavra *capitães*).

Uma proposta para encerrar esta etapa de pré-leitura é instigar uma relação intertextual entre a capa do livro, o título e a canção “Berimbau”, com letra de Vinicius de Moraes e composição de Baden Powell (disco *Baden Powell à vontade*, Elenco, 1964), especialmente os seguintes versos:

*Capoeira que é bom não cai
E se um dia ele cai, cai bem!*

Os versos podem ser interpretados ao pé da letra, mas também sugerem jogo de cintura para diversas situações sociais, o jogo de capoeira como metáfora para a vida, afinal, essa relação está muito presente no livro. As conexões entre a fotografia e a canção abrem as portas para a leitura do romance.

EXPLORAÇÃO DO CONTEXTO SOCIAL

A primeira parte do romance, intitulada “Cartas à redação”, apresenta uma reportagem fictícia que narra um fato protagonizado por Pedro Bala — personagem cuja liderança e agilidade foram discutidas na atividade anterior — e uma sequência de cartas, também fictícias — em que se podem conhecer diferentes vozes pronunciando-se sobre o tema. Esse conjunto de textos põe o leitor em contato com os valores da sociedade ali representada, à medida que apresenta posicionamentos de diversos agentes sociais. Atividades planejadas para a leitura compartilhada dessas cartas serão apresentadas um pouco depois, na seção “Leitura”.

Antes, é importante garantir que os estudantes saibam identificar textos desse tipo nos jornais das cidades onde moram. O professor pode orientar a análise editorial relacionada aos temas do cotidiano da cidade e da região e examinar os casos abordados, as vozes que se pronunciam sobre o tema, as formas de tratamento usadas para fazer referência aos envolvidos. As questões a seguir são sugestões para orientar a leitura das notícias: todos os lados são ouvidos? Todos os envolvidos são tratados de forma respeitosa? Todas as acusações feitas são comprovadas?

Caso os fatos narrados nas reportagens gerem manifestações de leitores, os estudantes observarão os diferentes posicionamentos, a fim de avaliar as concordâncias e discordâncias. Por fim, é interessante promover uma conversa sobre o trato da informação e da opinião. O que esperar dos meios de comunicação? Como e por que usar esses meios para participar do debate público? Questões como essas, relacionadas à ética no jornalismo e à participação cidadã, podem permear essa troca de ideias, abrindo caminho para a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação para construir discursos sobre temas sociais.

LEITURA

As atividades sugeridas para o momento da leitura de *Capitães da Areia* visam à construção de conhecimentos literários, apreciação da arte de Jorge Amado e reflexão sobre os temas centrais do romance.

“CARTAS À REDAÇÃO”: A CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS SOCIAIS

“Cartas à redação”, a primeira parte do romance, busca mimetizar os valores da sociedade baiana da época. Uma série de textos jornalísticos fictícios, muito semelhantes aos reais, tanto na disposição visual como na linguagem e no conteúdo, produzem no leitor a impressão de estar diante de material verdadeiro, que traz diversas vozes sociais: a imprensa, a polícia, o juiz de menores, a costureira, o padre e, por fim, o diretor do reformatório (instituição responsável por acolher as crianças abandonadas). O foco está fora do trapiche, no seio de uma sociedade cujas lideranças se esquivam das responsabilidades sobre as crianças abandonadas.

Uma das ideias mais difundidas da teoria literária vem da Grécia Antiga, com Aristóteles (século IV a.C.). Trata-se da noção de que a literatura é reflexo da realidade. Aristóteles usou a palavra **mímesis**, que significa imitação, representação, para designar essa relação entre literatura e realidade. E a abordagem baseada nesse conceito é chamada de mimética.

O objetivo da análise literária mimética é investigar como o artista cria a realidade representada na obra com base no que a realidade concreta lhe oferece. Tal modelo de análise debruça-se sobre o modo como as estruturas sociais são representadas na literatura e sobre a maneira como os textos refletem o tempo e a sociedade em que eles foram produzidos.

Sugerimos que as cartas sejam trabalhadas em sessões de leitura compartilhada para que assim os estudantes tenham apoio para ler os discursos

sociais de modo crítico. A seguir, algumas ideias que podem contribuir para essa abordagem.

- Identificar que palavras e expressões foram usadas para fazer referência aos Capitães da Areia e aos atos supostamente cometidos por eles: *crianças ladronas, aventuras sinistras, ladrões que infestam, tenebrosa carreira do crime*, entre outras.
- Comparar as expressões anteriores com o vocabulário empregado para fazer referência às crianças da alta sociedade: *linda criança, inocência, um dos ginasianos mais aplicados*, entre outras.
- Identificar como é representado o lugar onde os Capitães da Areia vivem: o que a imprensa sabe, o que não sabe, que conotações são atribuídas a esse lugar.
- Reconhecer o argumento central presente em cada uma das cartas e fazer inferências sobre a dinâmica social: o que é possível apreender sobre a sociedade ali representada? Que vozes são mais legitimadas? Que vozes são deslegitimadas?

Proponha que os estudantes anotem suas observações. Assim podem voltar a elas durante a leitura, a fim de confirmar ou refutar as impressões que tiveram antes de ler a narrativa.

UM NARRADOR QUE TUDO SABE E TUDO VÊ

Depois das “Cartas à redação”, há mais três partes, que são narradas em terceira pessoa, por uma voz onisciente, que traz o leitor para dentro do trapiche e para o íntimo de cada um dos personagens. Pensamentos, sentimentos, medos, anseios, lembranças, experiências passadas, projeções para o futuro, angústias... Nesse romance, as emoções e informações são apresentadas por uma voz narrativa que, ao mesmo tempo que descreve o mundo externo, guia o leitor para o âmago de cada personagem, possibilitando que a leitura seja uma fascinante descoberta do outro.

Ao longo da leitura, é importante chamar a atenção dos estudantes para as particularidades desse tipo de narrador e para o efeito estético produzido. A narrativa é repleta de momentos oportunos para esse estudo. Sugerimos

aqui atividades relacionadas ao capítulo “Noite dos Capitães da Areia”, embora as atividades possam se adaptar a qualquer outro capítulo do livro.

Em “Noite dos Capitães da Areia”, cada personagem é descrita não apenas externamente, mas também internamente, por meio de diversos dispositivos, que os estudantes podem ser desafiados a identificar. Por exemplo, sobre João Grande:

Físico: “É alto, o mais alto do bando, e o mais forte também [...]” (p. 28).

Pensamentos: “João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e mais vacilante que a da lanterna da Porta do Mar [...]” (p. 29-30).

Opinião do narrador: “Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar” (p. 29).

Opinião de outras personagens: “Pedro achava que o negro era bom [...]” (p. 29).

Informações sobre o passado: “Desde aquela tarde em que seu pai, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou à pequena casa do morro” (p. 28).

É importante chamar a atenção para essa diversidade de recursos e propor que, ao ler, os estudantes destaquem num caderno os trechos que percebem ser importantes para conhecer a fundo as personagens.

Os fragmentos selecionados podem ser compartilhados em subgrupos ou com a classe toda, como ponto de partida para uma conversa sobre os recursos empregados pela voz narrativa e os efeitos produzidos por essa diversidade de vias de acesso ao mundo interior das personagens. Ao analisar a voz narrativa e compartilhar impressões, opiniões e ideias suscitadas por essa voz, os estudantes se apropriam de uma importante ferramenta da análise literária (o estudo do narrador), ao mesmo tempo que aprendem a usar essa ferramenta a favor da fruição.

PERSONAGENS

Os protagonistas do romance são apresentados nos capítulos iniciais (“O trapiche” e “Noite dos Capitães da Areia”). Desde as primeiras apari-

ções, eles são nomeados e seus traços mais marcantes são descritos. Alguns desses protagonistas são personagens planos, ou seja, construídos em torno de um único traço marcante. Outros, porém, são personagens esféricos, ou redondos, isto é, apresentam muitos traços, que vão se revelando aos poucos, conforme a narrativa avança. É o caso de Sem-Pernas, por exemplo: suas primeiras aparições ressaltam a postura zombeteira, o mau humor, o fato de estar sempre “fazendo pilhéria” com os outros meninos. No entanto, conforme o texto se desenvolve, o narrador onisciente faz cair alguns véus que mantêm ocultas memórias muito duras de agressões vividas. À medida que a intimidade se expõe, outras facetas do personagem se fazem notar e o leitor passa a compreendê-lo mais profundamente, o que contribui para a construção de novos vínculos. Gato, por sua vez, apresenta uma construção bem mais plana: é sempre malandro, sedutor, simpático. Em função disso, pouco nos surpreende e as impressões sobre ele, em geral, mantêm-se as mesmas ao longo de toda a narrativa.

Uma possibilidade interessante para explorar esse grupo de protagonistas do romance é propor a criação de um quadro em que os estudantes registrem impressões sobre eles durante a leitura. A recorrência do registro pode variar de acordo com o andamento do trabalho (um registro a cada três sessões; um registro semanal; cinco registros ao longo de toda a leitura, entre outras possibilidades). As anotações podem assumir diferentes formas, como texto escrito, ilustrações, mapas conceituais, entre outras, por isso é importante que haja bastante espaço para esses registros. Os estudantes podem reservar uma ou duas páginas do caderno para cada personagem e voltar a elas diversas vezes, cada vez que for solicitado algum registro.

Algumas sugestões de como ressaltar diferentes aspectos do tema:

- Registrar as relações entre as características das personagens e seus apelidos: João Grande é o mais alto do grupo; Gato é ágil e esperto; Professor é o único que sabe ler... Os estudantes podem criar hipóteses, a partir dos apelidos, e confirmá-las ou refutá-las durante a leitura.
- Anotar impressões iniciais sobre cada um dos protagonistas.

- Anotar trechos do livro em que as características da personagem ficam evidentes.
- Registrar reflexões pessoais sobre a personagem, seus conflitos, projetos de vida, relações, anseios, medos etc.
- Refletir sobre transformações sofridas pela personagem.
- Estabelecer relações entre personagens de *Capitães da Areia* e de outros livros ou mesmo filmes: por exemplo, que outros líderes Pedro Bala faz lembrar? A que líderes ele se opõe?
- Fazer associações entre a personagem e pessoas da vida real.

AMBIENTES

Em *Capitães da Areia*, personagens e espaço se vinculam desde o título. Nas areias do cais do porto os meninos são livres, aquele é o ambiente que eles dominam. Ali, podem ser os capitães, os senhores de seus destinos. E é justamente nesse areal que se localiza “o velho trapiche abandonado”, ambiente que concentra em si muitas das contradições que marcam a vida das personagens. Um olhar externo veria, ali, um velho casarão sem utilidade, a imagem do descuido, do abandono; do ponto de vista das personagens, no entanto, o trapiche é o espaço de acolhimento, do pertencimento, da segurança. Durante a leitura, vale a pena chamar a atenção dos estudantes para essas e outras relações, como:

- Cidade Alta e Cidade Baixa: a cidade dividida entre ricos e pobres.
- Reformatório: o espaço criado para acolher, ironicamente é o que mais apavora.
- Casa de dona Ester: a atmosfera de lar produz sentimentos ambíguos e causa profundo sofrimento a Sem-Pernas, em um dos momentos mais dramáticos da narrativa.
- Parque de diversões: ambiente em que os Capitães da Areia podem ser crianças por alguns momentos.
- Lazareto: o ambiente para onde eram levados os pobres doentes, contaminados com varíola. Longe de ser um lugar de acolhimento e cuidado, era uma sentença de morte.

LINGUAGEM E ESTILO

Ao longo das sessões de leitura, é importante orientar os estudantes para a apreciação da beleza das construções linguísticas. A linguagem, muitas vezes carregada de lirismo, torna o texto envolvente, convida a imaginar, sentir, pensar. No contexto das práticas sociais de leitura, aprender a apreciar os recursos estilísticos empregados pelo autor dá sentido ao estudo linguístico e contribui para a formação de um leitor literário crítico e experiente, preparado para contemplar a riqueza da linguagem. As atividades a seguir podem ajudar a construir essa competência.

Antes de os estudantes começarem a ler o capítulo “O trapiche”, é interessante propor que reparem no contraste entre a paisagem de “antigamente” (p. 25, segundo parágrafo) e de “hoje” (p. 25, terceiro parágrafo). Depois da leitura, podem voltar ao texto para observar os adjetivos, os advérbios, as ações que aconteciam e deixaram de acontecer, além das novas ações que passaram a se concretizar no ambiente. É importante orientá-los a refletir sobre a forma como os recursos linguísticos podem ser mobilizados para levar o leitor a perceber que aquele é um ambiente carregado de história.

Nos trechos a seguir, por exemplo, uma ponte é descrita em dois momentos: nos tempos em que a região era movimentada e depois, quando a área já era erma.

A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. [p. 25]

Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravidão. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. [p. 25]

No primeiro caso, os adjetivos empregados para caracterizar os veleiros (*inúmeros, carregados, enormes, pintados de estranhas cores*) e a atividades deles (*aventura das travessias marítimas*) imprimem um tom glorioso ao ambiente. No segundo, a repetição das palavras “não mais” produz um ritmo poético, ao mesmo tempo que marca a ausência da atividade pulsante, que dava vida ao local. Aguçar a percepção dos estudantes para esses recursos da linguagem, desde as primeiras sessões de leitura compartilhada, contribui para construir uma apreciação linguística mais refinada.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Diferentes vozes estão presentes no fragmento a seguir:

Professor desviou os olhos do livro, bateu a mão descarnada no ombro do negro, seu mais ardente admirador:

— Uma história zorreta, seu Grande — seus olhos brilhavam.

— De marinheiro?

— É de um negro assim como tu. Um negro macho de verdade. [p. 31]

As três vozes caracterizam-se por diferentes usos da linguagem: o discurso do narrador é marcado pela variedade linguística de prestígio; o registro das falas de Professor e João Grande, entretanto, preserva características linguísticas de um grupo social em uma determinada região, em um tempo específico e em situação de informalidade.

Durante a leitura, é importante chamar a atenção dos estudantes para este traço tão marcante da prosa de Jorge Amado: os discursos, parte importante da caracterização das personagens, contribuem para que o leitor as conheça melhor, e também para que amplie suas referências linguísticas. No caso do diálogo anterior, por exemplo, pode ser discutida a presença do adjetivo *zorreta*: o termo contribui para que o leitor sinta que está diante de um ser singular, que habita um determinado lugar, em um determinado tempo, organiza o discurso de forma particular, ou seja: o modo como Professor usa a língua contribui para caracterizá-lo e o situa no espaço, no tempo e na situação de comunicação em que ele se encontra. Aprender a observar esses fenômenos linguísticos e apreciá-los enriquece a experiência estética.

PÓS-LEITURA

Ao fim da leitura de *Capitães da Areia*, propomos três atividades, concebidas para promover novas conexões.

RETORNO À SEÇÃO “CARTAS À REDAÇÃO”

Quando os estudantes leram as cartas à redação, fizeram uma reflexão sobre as vozes presentes na reportagem — as que foram ouvidas e as que foram silenciadas. Ao longo do romance, puderam conhecer a fundo a realidade da vida dos meninos, os valores que embasam a organização do grupo, a forma como cada um deles reage às dificuldades do cotidiano. Depois da experiência de escutar aquelas vozes que foram caladas, as condições são favoráveis para a releitura da reportagem e também de algumas das cartas, para que os estudantes identifiquem imprecisões, inverdades, posicionamentos preconceituosos e equivocados, os quais não eram perceptíveis na primeira leitura.

ANÁLISE DA ADAPTAÇÃO DE *CAPITÃES DA AREIA* PARA O CINEMA

O romance foi adaptado para o cinema em 2011, por Cecília Amado, neta de Jorge Amado. É interessante que os estudantes assistam à produção (classificação indicativa: 16 anos), observando as soluções encontradas pelos roteiristas para transformar um romance que narra muitos anos da vida de um grupo de meninos em um filme de 96 minutos. Nesse sentido, é instigante o desafio de analisar a forma como a cineasta lidou com a seleção de episódios e o tratamento das situações, tendo em vista as peculiaridades da linguagem cinematográfica.

A análise pode também envolver o cenário, a trilha sonora, a seleção do elenco, os recursos empregados para comunicar, por meio da linguagem audiovisual, o perfil psicológico das personagens. Além disso, é importante analisar o tratamento dado à linguagem, ou seja, a preservação da variedade linguística que caracteriza as personagens é um tema a ser considerado na transposição do texto para o cinema.

O trabalho de comparação entre a linguagem literária e a cinematográfica contribui para a construção de habilidades previstas nos Itinerários Formativos da BNCC, no eixo estruturante Processos Criativos, como a seguinte:

(EMIFLGG04): Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).

Cecília Amado comenta nesta entrevista como foi o processo de adaptar *Capitães da Areia* para o cinema: <https://tvuol.uol.com.br/video/diretora-fala-sobre-a-adaptacao-de-capitães-de-areia-04028D993666C4892326>. (Acesso em: 15 set. 2020.)

PRODUÇÃO DE ÁUDIOS

Se houver recursos tecnológicos, os estudantes podem produzir podcasts sobre o livro usando um gravador de voz digital, como os que encontramos em telefones celulares e computadores.

Para os episódios, é possível explorar, por exemplo:

Comentários críticos sobre a leitura: Os estudantes podem fazer comentários críticos aprofundando um dos temas discutidos durante a leitura do romance, como linguagem, ambientação, composição de personagens, panorama social apresentado no livro, possibilidade que a obra oferece para o leitor ampliar suas referências sobre questões éticas e sociais, entre outras.

Recomendação literária: Mobilizados pela pergunta “por que você considera que este livro deve ser lido?”, os estudantes registram depoimentos, compartilhando o impacto da experiência de leitura para a formação leitora e cidadã.

Leituras expressivas em voz alta: Eles escolhem alguns trechos para gravação, atentando para o ritmo e o tom adequados. Os estudantes podem, além

disso, incluir trilha sonora ou efeitos que julgarem adequados para valorizar o texto e promover uma experiência estética interessante.

Comparação entre temas abordados no livro e a realidade atual: Tanto a questão da infância abandonada como o tema dos projetos de vida, da relação com a cidade ou da vida em grupo, entre outros, podem ser pontos de partida para interessantes paralelos entre o universo representado no livro e a realidade de cada estudante.

O conjunto do material produzido pode ser divulgado na escola (no site da instituição, em eventos realizados em parceria com a biblioteca, em programas de rádio caseiros, produzidos pelos estudantes e veiculados na hora do intervalo, entre outras possibilidades) e fora dela (em rádios comunitárias, blogs literários criados pelos estudantes, eventos planejados em parceria com a biblioteca pública do bairro etc.). Produzir e compartilhar material desse tipo contribui para construir habilidades previstas na BNCC relacionadas a todos os campos de atuação social, conforme indicaremos nas propostas a seguir.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6: Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADE (EM13LGG602): Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13CHS502): Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

As atividades a seguir apontam caminhos para o estabelecimento de relações entre o romance de Jorge Amado, as Arte e as Ciências Sociais. As conexões com essas áreas se justificam porque:

- *Capitães da Areia* apresenta um universo descrito de forma tão magistral que o leitor quase pode sentir o cheiro do mar, ouvir o som do be-rimbau, contemplar as noites enlustradas, apreciar a beleza das pessoas e das paisagens. O prazer dessa experiência pode ser enriquecido pela apreciação e a análise de obras de arte que têm a Bahia como tema.
- À riqueza das descrições do mundo externo, soma-se a representação de mundos internos diversos, complexos, povoados por sonhos e medos, forças e fragilidades; personagens nem sempre equipadas para enfrentar as dificuldades que um contexto social desafiador lhes impõem. O mergulho no indivíduo e na sociedade representada na obra será mais significativo caso o estudante puder estabelecer conexões entre a obra e as Ciências Sociais.

PRÉ-LEITURA

BAHIA PARA VER E OUVIR

Pierre Verger (1902-96), Carybé (1911-97) e Dorival Caymmi (1914-2008), artistas contemporâneos de Jorge Amado, expressaram, em suas obras, o fascínio pela Bahia e pelos baianos. Suas produções artísticas contribuíram para a divulgação da região no Brasil e no mundo e desempenharam um papel crucial na criação do imaginário sobre o local. Conhecer tanto a produção desses artistas como o vínculo deles com a Bahia contribui para a criação de um repertório importante para a bagagem cultural dos estudantes.

As biografias de Carybé, Pierre Verger e Dorival Caymmi explicitam as relações profundas dos artistas com a Bahia.

Carybé: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1199/carybe>.

Pierre Verger: <https://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>.

Dorival Caymmi: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3901/dorival-caymmi>.

[Acessos em: 15 set. 2020.]

Um caminho possível é a abordagem por tema. O mar, por exemplo, exaltado pelos três artistas, pode ser um bom ponto de partida. O professor pode apresentar uma canção de Caymmi, como “O mar” (“O mar quando quebra na praia/ é bonito...”) ou “Suíte do pescador” (“Minha jangada vai sair pro mar/ Vou trabalhar, meu bem querer...”) e propor que os estudantes, organizados em grupo, procurem, entre fotos de Pierre Verger e gravuras de Carybé, imagens que dialoguem com a canção e que criem um painel.

O site da Fundação Pierre Verger disponibiliza um acervo riquíssimo de obras e de informações sobre o artista: <https://www.pierreverger.org/br>.

Produções de Carybé e Dorival Caymmi podem ser encontradas na *Enciclopédia Itaú Cultural*: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br>. [Acessos em: 8 out. 2020.]

Em seguida, os grupos podem apresentar suas criações aos colegas, justificando as escolhas e comentando as impressões causadas pelas imagens. Para tornar a atividade mais dinâmica, é possível atribuir um tema diferente a cada grupo: pesca, capoeira, movimento em torno da chegada de embarcações, manifestações religiosas, capoeira etc.

Ao fim das apresentações, os estudantes podem ser encorajados a comentar os painéis, orientados por uma pauta de discussão, como a seguinte:

- Para pintura, desenho e fotografia: comentar o jogo de luz e sombra.
- Para pintura ou desenho: observar os recursos empregados a fim de expressar o movimento dos corpos e representar figuras humanas.
- Para fotografia: atentar para as expressões faciais e imaginar como as pessoas parecem se sentir.
- Para qualquer obra: observar a atmosfera criada, as sensações e os pensamentos que ela desperta quando é observada; inferir a relação do artista com o universo da Bahia; pensar sobre o que as obras permitem identificar a respeito do vínculo de cada um dos artistas com a região.

É importante ressaltar que uma pauta de discussão é diferente de um questionário. A pauta é criada para fomentar a conversa, a troca de impressões, o debate. Na interação com o grupo, com o apoio do professor, as percepções individuais vão se enriquecendo, refinando-se, ganhando novos contornos.

REFLEXÃO SOBRE A CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE

Além de povoar a mente dos estudantes com representações artísticas da Bahia, também é importante chamar a atenção para a ideia de sociedade — um conceito relevante na área de Ciências Sociais e que ocupa lugar central em *Capitães da Areia*.

A **sociedade**, da qual faz parte o indivíduo, consiste em um grupo humano, ocupante de um território, com uma forma de organização baseada em normas de conduta responsáveis por sua especificidade cultural. Na construção de sua vida em sociedade, o indivíduo estabelece relações e interações sociais com outros indivíduos, constrói sua percepção de mundo, atribui

significados ao mundo ao seu redor, interfere e transforma a natureza, produz conhecimento e saberes, com base em alguns procedimentos cognitivos próprios, fruto de suas tradições tanto físico-materiais como simbólico-culturais. (BRASIL, 2018, p. 565)

O romance instiga o leitor a analisar o funcionamento da sociedade desde a primeira página e, conforme a narrativa avança, esse tema se torna cada vez mais complexo.

Assim, é importante, antes de tudo, mobilizar as representações dos estudantes a respeito do conceito de sociedade e, ao mesmo tempo, aguçar a curiosidade deles para as características da sociedade que será representada no livro. As questões a seguir oferecem um possível ponto de partida para a troca de ideias.

- O que significa viver em sociedade?
- O que caracteriza uma sociedade justa?
- Toda sociedade se organiza em torno de normas de conduta. Essas normas podem variar de uma sociedade para outra. Alguém conhece uma sociedade em que vigorem normas diferentes das que vigoram na nossa sociedade?
- Quem se lembra de filmes ou livros que falem do que é uma sociedade, do que é viver em sociedade?
- Alguém conhece filmes ou livros que apresentem uma sociedade diferente, com normas de conduta e regras de funcionamento completamente diferentes das nossas?
- Quais são os maiores problemas da nossa sociedade?

O seguinte trecho do romance de Jorge Amado pode ser explorado com os estudantes para trabalhar as questões anteriores:

— O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentinha...

— São crianças, senhora.

A velha olhou superiora e fez um gesto de desprezo com a boca. O padre continuou:

— Cristo disse: “Deixai vir a mim as criancinhas...”.

— Criancinhas... Criancinhas... — cuspiu a velha.
— “Ai de quem faça mal a uma criança”, falou o Senhor — e o padre José Pedro elevou a voz acima do desprezo da velha.
— Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são crianças. São capazes até de ser dos Capitães da Areia... Ladrões — repetiu com nojo. [p. 79]

LEITURA

INDAGAÇÕES

Tradicionalmente, a escola é o espaço em que o professor faz perguntas e o estudante responde. Embora essa situação se mostre adequada a diversas situações da vida escolar, a direção não precisa ser sempre essa; inverter a ordem dos fatores pode enriquecer, e muito, o produto. Aprender a perguntar, dar forma e vazão à própria curiosidade, dar atenção às próprias perguntas e construir, a partir delas, um projeto próprio de aprendizagem são procedimentos importantes, que devem ser estimulados em todas as etapas da escolaridade, sobretudo no Novo Ensino Médio.

Por tratar-se de procedimento importante tanto para o progresso nos estudos da área de Ciências Humanas e Sociais como para a formação do leitor literário, é importante que as áreas de Linguagens e suas Tecnologias e de Ciências Humanas e Sociais trabalhem em parceria para que os estudantes tenham condições de formular boas perguntas. Isso pode ser estimulado durante a leitura compartilhada, com a abertura de espaços para que os estudantes pensem sobre questões despertadas pela obra, a partir de indagações sobre ética, valores, política, relações afetivas, religião, enfim, sobre todos os campos das humanidades.

É interessante reservar um espaço no caderno para registrar as questões, as quais podem ser compartilhadas em subgrupos, funcionando como pauta de discussão. Professores de História, Geografia, Filosofia e Sociologia podem apoiar o professor de literatura no debate de perguntas mais voltadas a temas da área de Ciências Humanas e Sociais.

ESPAÇO E DISPUTAS

De acordo com a BNCC,

[...] analisar, comparar e compreender diferentes sociedades, sua cultura material, sua formação e desenvolvimento no tempo e no espaço, a natureza de suas instituições, as razões das desigualdades, os conflitos, em maior ou menor escala, e as relações de poder no interior da sociedade ou no contexto mundial são alguns dos principais desafios propostos pela área para o Ensino Médio. (BRASIL, 2018, p. 563.)

A literatura pode contribuir para o enfrentamento desse desafio, uma vez que, ao mimetizar, no mundo da ficção, dinâmicas próprias do mundo real, possibilita que os estudantes observem, por diferentes ângulos, questões que muitas vezes não são contempladas por suas experiências de vida.

Por permitir viver outras vidas, por meio das personagens, a literatura possibilita que o leitor experimente diferentes papéis, assuma novos pontos de vista, posicione-se em relação a conflitos que não seriam aqueles com os quais ele lida em seu dia a dia e vivencie novas relações com o espaço. No caso deste romance, leitores que moram em Salvador ou que têm familiaridade com a região encontram, na narrativa, elementos que levam a observar a cidade sob novas perspectivas, enquanto leitores de outras regiões do país podem conhecer as características e as dinâmicas da capital baiana, e comparar com seus lugares de origem, a fim de identificar contrastes e semelhanças.

Um passeio por Salvador (virtual, no caso de leitores de outras cidades) é uma boa forma de promover a observação de paisagens relevantes para a leitura: as Cidades Alta e Baixa, e a forma como elas se conectam, o mar, o porto, os areais, o bairro de Vitória, onde ocorre o suposto crime relatado nas “Cartas à redação”. Comparação de fotos antigas e atuais contribuem também para essa observação da dinâmica da ocupação do espaço. Nesse sentido, o surgimento do Porto de Salvador, em 1914, tem especial relevância, afinal a construção desse local foi a causa do aterro que fez “o mar recuar de muitos metros (p. 25)” e produziu o areal descrito no capítulo “O trapiche”.

Criar um repertório visual do espaço contribui para a experiência de

leitura, mas é preciso ir além e observar a questão do direito à cidade. Quais espaços as crianças pobres ocupam? O que lhes é negado? Que disputas podem ser observadas? Pensar sobre esses temas da área das Ciências Humanas e Sociais, no contexto do romance, nos oferece uma compreensão muito mais aguçada da narrativa.

A geografia e a dinâmica da capital baiana são temas da canção “Duas cidades”, do grupo Baiana System. Uma proposta promissora é analisar a letra da canção com a turma e compará-la com a representação dos espaços da cidade exposta no capítulo “Alastrim”, cujo ponto central é essa tensão entre os extremos da cidade de Salvador: os pobres e os ricos, a Cidade Baixa e a Cidade Alta, os trabalhadores e os festeiros.

HUMANIDADE

A BNCC propõe que o ensino das Ciências Humanas e Sociais no Novo Ensino Médio contribua para que os estudantes possam “identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos” (competência 5).

Nesse ponto, as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e de Linguagem e suas Tecnologias apresentam forte conexão, afinal a leitura literária é campo fértil para o exercício da alteridade. Ao se pôr no lugar do outro e ver o mundo pelos seus olhos, o leitor tem a possibilidade de observar circunstâncias da vida cotidiana por novos ângulos. Ao mesmo tempo que a leitura é apoiada na forte impressão de verdade, ela possibilita um grau de distanciamento que não é possível na vida real: o leitor pode mergulhar na experiência e sentir profundamente, mas pode também distanciar-se, observar, analisar o que está em jogo e, nesse movimento, “desnaturalizar condutas, relativizar costumes e perceber a desigualdade, o preconceito e a discriminação presentes em atitudes, gestos e silenciamentos, avaliando as ambiguidades e contradições presentes em políticas públicas tanto de âmbito nacional como internacional” (BRASIL, 2018, p. 577).

Entre os vários exemplos possíveis, citamos a situação vivida por Pirulito no capítulo “Deus sorri como um negrinho”. O personagem depara-se

com uma escultura sacra: um Menino Jesus que, apartado do corpo da mãe por acidente, expõe-se, débil e fragilizado, em meio a outras esculturas mais robustas. Pirulito identifica-se com uma imagem e deseja subtraí-la da vitrine da loja. O fluxo de consciência do personagem permite observar como e por que ocorrem a identificação e a profunda afeição do menino pela pequena escultura: ele, também sozinho, também apartado de adultos que poderiam protegê-lo, vê a si mesmo magro e débil como aquele Menino Jesus da vitrine. Desvela-se, nesse momento, um mundo interno repleto de ambiguidade: por um lado, ele se compadece das próprias condições de vida; por outro, culpa-se por ser conivente com os diversos delitos praticados pelos companheiros. Essa oportunidade de olhar para a situação pelos olhos de Pirulito cria um campo muito fértil para a discussão de temas de cunho social previstos na BNCC, como desigualdade, preconceito, discriminação, intolerância, violência e exclusão.

Pirulito pensa que a Virgem está a lhe entregar Deus, Deus criança e nu, pobre como Pirulito. O escultor fez o Menino magro e a Virgem triste da magreza do seu Menino, a mostrá-lo aos homens gordos e ricos. Por isso a imagem está ali e não se vende. O Menino nas imagens é sempre gordo, um ar de menino rico, um Deus rico. Ali é um Deus pobre, um menino pobre, mesmo igual a Pirulito [...] (p. 112-113)

PÓS-LEITURA

PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE

Capitães da Areia faz pensar em infância, sociedade, humanidade, justiça. Ao ler a história dos meninos do mundo de ficção, é inevitável comparar a sociedade representada no livro com a nossa própria e pensar em como vivem as crianças e os adolescentes vulneráveis hoje em dia, no Brasil. Por essa razão, pode ser muito oportuno explorar com os estudantes o *Estatuto da criança e do adolescente* (ECA), instrumento legal que assegura às crianças e aos adolescentes a condição de sujeitos de direitos, informa quais são esses direitos e descreve “a responsabilidade da família, sociedade e Estado de garantir as condições para o pleno desenvolvimento dessa população, além

de colocá-la a salvo de toda forma de discriminação, exploração e violência” (BRASIL, 2019, p. 9).

Uma possibilidade de trabalho seria ler alguns dos artigos, discutir o sentido e a importância do ECA e:

- Pensar coletivamente em formas de divulgar esse instrumento, para que as crianças e os adolescentes da escola saibam quais são seus direitos garantidos por lei.
- Comparar concepções de infância: a ideia de infância apresentada no documento se parece com a que percebemos na sociedade representada no livro? Em que se parece? Em que se diferencia?
- Refletir sobre estratégias que podem ser adotadas para que os direitos assegurados pelo estatuto sejam acessíveis a todas as crianças e adolescentes do Brasil.
- Pensar sobre a seguinte questão: “A leitura de *Capitães da Areia* pode contribuir para que a sociedade perceba as crianças e os adolescentes como pessoas vulneráveis em desenvolvimento?”. Para instigar o debate, leia com a classe o seguinte trecho do ECA:

[...] o Brasil ainda tem muitos desafios, como garantir a plena efetivação do ECA, permitindo que todas as crianças e adolescentes tenham seus direitos respeitados, protegidos e assegurados. Mas nenhum desafio será realmente superado até que o Brasil promova, de fato, a mudança cultural idealizada pelo ECA, ou seja, que a sociedade de modo geral proteja as crianças e adolescentes como pessoas vulneráveis e em desenvolvimento. (BRASIL, 2019, p. 11)

Esses temas podem render debates, artigos para murais ou jornais da escola, podcasts para programas de rádio criados pelos estudantes, entre outras opções de situações que envolvam exposição e argumentação.

O *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), sancionado em 1990, é o principal instrumento normativo do Brasil sobre os direitos da criança e do adolescente. Desde sua sanção, o documento vem recebendo atualizações e aprimoramentos.

O PDF da última edição, de 2019, está disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. [Acesso em: 30 set. 2020.]

CURADORIA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

As atividades sugeridas ao longo deste manual explicitam o potencial de *Capitães da Areia* para ampliar as referências linguísticas, artísticas, históricas, geográficas, sociais, éticas e filosóficas dos jovens. Terminada a leitura, convém propor atividades que mostrem aos estudantes a contribuição desse clássico da literatura brasileira para sua formação global. Uma forma interessante de promover essa consciência é propor que realizem uma curadoria de obras de arte que se conectem com *Capitães da Areia* e que expliquem as relações estabelecidas.

Eles podem selecionar, por exemplo, canções que expressam críticas sociais ou que abordem a relação do sujeito com o lugar em que vive; poemas que dialoguem com o amor vivido entre Pedro Bala e Dora ou o amor platônico de Professor por Dora; pinturas ou esculturas dos Orixás ou dos santos católicos mencionados tão recorrentemente ao longo do romance... Enfim, as possibilidades são inúmeras. O importante é que eles selecionem algo que seja significativo e que saibam explicar e argumentar quais são as conexões estabelecidas com a obra.

Sugerimos envolver os estudantes na organização desse projeto, para que definam juntos — estudantes e professor — os combinados sobre a produção: como e onde expor, modos de imprimir à exposição a atmosfera do livro, quem convidar, formas de convite. Dessa forma, os estudantes poderão

[...] assumir o papel de protagonistas como apreciadores e como artistas, criadores e curadores, de modo consciente, ético, crítico e autônomo, em saraus, performances, intervenções, happenings, produções em videoarte, animações, web arte e outras manifestações e/ou eventos artísticos e culturais, a ser realizados na escola e em outros locais. (BRASIL, 2018, p. 483)

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

O que nos vem à cabeça quando pensamos na vida de crianças e adolescentes em situação de rua? As primeiras ideias, em geral, relacionam-se à dureza da vida deles, à vulnerabilidade a que estão expostos e à injustiça social de que são vítimas. *Capitães da Areia*, romance cujos protagonistas são menores abandonados, mobiliza todas essas ideias desde a primeira página. No entanto, como em toda grande obra, o universo que se apresenta vai muito além das representações mais imediatas: sem cair na armadilha da “história única”, o romance revela o mais humano em cada um dos protagonistas, e eis que o leitor pode contemplar essas crianças e adolescentes em toda a sua complexidade. O menino vulnerável e desamparado é um desenhista virtuoso. O garoto amargurado, agressivo, irônico, que sempre “ridicularizava tudo, era dos que mais brigavam” (p. 35) — e é, no fundo, uma criança assustada, desesperada para superar memórias de agressões sofridas. Entre capoeiristas talentosos e malandros charmosos, devotos dos orixás e aspirantes ao seminário, entre medo e amizade, sonho e desespero, muitas narrativas vão se entrelaçando, compondo um mosaico diverso, complexo e fascinante.

Ainda que, em geral, a conexão do leitor com o tema e com as personagens seja imediata, a leitura deste clássico de Jorge Amado coloca alguns desafios. Trata-se de um **romance de formação**, povoado por um grupo numeroso de protagonistas, cujas histórias individuais entrelaçam-se à narrativa da vida em grupo.

Os **romances de formação** baseiam-se no processo de transformação ou amadurecimento do protagonista, em decorrência de acontecimentos decisivos ocorridos na infância e adolescência. Ao longo da leitura de um romance dessa modalidade, o leitor testemunha o percurso que constitui a personagem como indivíduo socialmente configurado. *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, e *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, são exemplos de romances de formação que costumam agradar aos leitores do Ensino Médio.

Como grupo, as personagens enfrentam condições semelhantes: moram no velho trapiche abandonado; integram uma comunidade que lhes assegura a sensação de pertencimento e proteção; são vítimas e protagonistas dos mais diversos tipos de violência; enfrentam o desprezo por parte de instituições que deveriam lhes oferecer apoio e cuidados. No campo individual, entretanto, abre-se um panorama muito diverso de mundos internos complexos, habitados por lembranças e vivências que exercem forte impacto nas formas de agir, decidir e posicionar-se diante dos acontecimentos. O narrador onisciente, que tudo sabe e tudo vê, pega o leitor pela mão e o conduz na descoberta da subjetividade de cada um dos meninos, numa experiência ao mesmo tempo ética e estética.

Ao longo de toda a vida, a partir das diferentes experiências que vivemos, vamos reforçando ou alternando nosso senso ético, ou seja, os valores que norteiam nosso comportamento e nosso modo de pensar. Entre as experiências que influenciam nosso senso ético destacam-se as culturais e artísticas. Dentre as artes, sobretudo a literatura: em seu compromisso com a vida humana em suas diferentes manifestações históricas, ela tematiza conflitos éticos, representando o ser humano em situações-limite.

Ao flagrar personagens vivendo momentos nos quais bem e mal se entrelaçam intimamente, a literatura tanto registra a vocação ética do ser humano quanto testemunha as dificuldades e o embaraço da realização dessa vocação.

[LAJOLLO, 2003. p. 8-9.]

Viver profundamente a experiência ética, deixando-se tocar pelos dilemas das personagens, pressupõe não apenas observar o movimento do narrador, que conduz o leitor para dentro e para fora da personagem, mas também a construção nem sempre linear do tempo da narrativa. Os momentos de flashback, que trazem informações sobre o passado das personagens, estão presentes em diversos momentos do livro de Jorge Amado, convidando

o leitor a movimentar-se, avançando e recuando no tempo daquelas vidas. Beneficiando-se da onisciência do narrador, transitando pelo passado e pelo presente da narrativa e tendo em conta os desafios sociais, o leitor, pouco a pouco, constrói compreensões mais profundas sobre os adultos que os Capitães da Areia se tornaram, os caminhos que traçaram, o modo como conciliaram suas forças e suas vulnerabilidades. Nesse sentido, as juventudes dos meninos que protagonizam o romance têm muito a dizer aos jovens do Novo Ensino Médio, eles mesmos às voltas com a experiência a um só tempo fascinante e desafiadora da elaboração de projetos de vida.

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma *escola que acolha as diversidades*, [...] que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. (BRASIL, 2018, p. 463)

A diversidade, marca registrada do romance, se faz notar também no destino final das personagens. As mortes de Dora e Sem-Pernas chamam a atenção para o fato de que nem sempre é possível superar as dores do corpo e da alma. Volta Seca realizou o sonho de entrar para o cangaço, mas terminou na prisão, e as notícias que divulgam sua condenação deixam claro que, sobre ele, será contada uma história única. Ao leitor do romance, no entanto, foram oferecidas outras narrativas sobre o menino que se encantou pelo carrossel e que lá, montando os velhos cavalos de madeira, “se abriu num sorriso” (p. 47), esqueceu-se de suas dores e foi criança.

As demais personagens tornam-se adultos livres, felizes com suas escolhas. Em um romance de formação, meninos crescem, amadurecem, encontram seus rumos, sabemos disso. No entanto, é importante ressaltar que *Capitães da Areia* tem a virtude de trazer para o centro do romance de formação os meninos pobres, negros, abandonados, sobre os quais, em geral, circula

uma história única. É um privilégio vê-los crescer, vivendo tantas histórias de alegria, valentia, amizade e amor.

João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. (p. 30)

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Sugerimos a seguir materiais que podem enriquecer a leitura de *Capitães da Areia*, por possibilitarem a ampliação de referências sobre a Bahia, a cultura afro-brasileira e a vida e a obra de Jorge Amado.

CD: *Duas cidades*, de Baiana System. Salvador: Máquina do Tempo, 2016.

O segundo álbum da banda Baiana System é marcado por influências musicais caribenhas e africanas, além do axé e do samba duro baianos. As canções abordam temas próprios da contemporaneidade soteropolitana, dentre eles a cidade dividida. O trabalho com as canções do álbum pode favorecer comparações entre a Bahia da década de 1930, representada na obra de Jorge Amado, e a Bahia dos tempos atuais.

Livro: *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*, org. de Sérgio Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Para mais informações sobre a relação entre Jorge Amado e os artistas baianos de seu tempo, recomendamos a leitura da carta de Dorival Caymmi a Jorge Amado, publicada no livro *Cartas brasileiras* (p. 153-4). No texto, Caymmi comenta seu processo criativo e seu vínculo intenso com a Bahia, além de comunicar, com doçura e lirismo, as saudades do amigo que está distante. Trata-se de um material valioso para promover a observação da Bahia como fonte de inspiração artística.

Site: *Cartas à Teresa*. Disponível em: <https://cartasaatereza.wordpress.com/acerca/a-autora>. Acesso em: 11 fev. 2021.

A partir de derivas pelas cidades do interior da Bahia, participantes do projeto Cartas à Teresa produzem cartas ficcionais e obras de artes visuais ou corporais: fotografias, desenhos, dança, intervenções urbanas, entre outras. O material é interessante para explorar a relação com a cidade, tema tão marcante no romance *Capitães da Areia*.

Livro: *Contos e lendas afro-brasileiros: A criação do mundo*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Aprisionada por caçadores e transportada ao Brasil em um navio negreiro, a jovem africana Adetutu adormece e sonha. Seus sonhos, repletos de aventura, narram a participação dos orixás na construção do mundo. A aventura de Adetutu termina na cidade de Salvador, na Bahia, onde, anos depois, ela funda um terreiro de candomblé. Além da narrativa, o volume conta também com um apêndice informativo intitulado “Os deuses da mitologia afro-brasileira”. O trabalho com este livro pode ampliar os conhecimentos dos estudantes em relação aos elementos da mitologia afro-brasileira que são citados em diversas passagens de *Capitães da Areia*.

Podcast: “Os Tingoãs e a resistência da cultura afro-brasileira”, de Camilo Rocha e Guilherme Falcão. *Nexo Jornal*, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/podcast/2020/08/28/Os-Tingo%C3%AAs-e-a-resist%C3%Aancia-da-cultura-afro-brasileira>. Acesso em: 10 out. 2020.

Podcast sobre o lançamento do álbum *Olorum*, de Mateus Aleluia, ex-integrante do grupo Tingoãs, que despontou no cenário musical baiano nos anos 1970. Os entrevistados comentam a presença de elementos da musicalidade do candomblé como ponto central na identidade do artista e analisam o papel desempenhado pelo grupo Tingoãs no combate ao preconceito contra as religiões de matriz africana.

Texto: “... E fazer do nosso sonho uma casa”. Disponível em:

https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/pdfs/CL_OuniversodeJorgeAmado_depoimentos.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

Comovente depoimento em que o escritor moçambicano Mia Couto comenta a importância de Jorge Amado não apenas para sua formação como escritor, mas também para seu autoconhecimento e para entendimento da estreita relação entre o Brasil e os países da África lusófona.

Vídeo: *Casa GNT* — sobre as casas de Jorge Amado. 8min53s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJ9nPg1320M>. Acesso em: 20 set. 2020.

Reportagem mostra as casas e hotéis onde Jorge Amado morou, dando destaque à casa de Salvador, na qual ele escreveu muitos de seus livros.

O espaço, convertido em memorial aberto à visitação, preserva as características da época em que o escritor ali habitava.

Vídeo: *Jorge Amado, o escritor e o personagem*. TV Brasil, 51min37. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5DD0pZiD-yM>. Acesso em: 20 set. 2020.

Reportagem sobre a vida e a obra de Jorge Amado, produzida no contexto das comemorações do centenário do autor.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Os perigos de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Adaptação para o formato livro da palestra em que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie argumenta em favor da difusão de narrativas que explicitem facetas variadas de povos, grupos sociais, localidades ou indivíduos. A palestra completa está disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em: 30 set. 2020.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

Essa introdução ao estudo da personagem orienta o leitor na reflexão sobre o que são e como podem ser as personagens de ficção. A perspectiva teórica é articulada à análise de diversos exemplos de personagens clássicos da literatura brasileira. O capítulo final traz depoimentos de escritores comentando seus processos de criação de personagens.

BRAZIL. Ministério da Educação. *Referenciais curriculares para elaboração de itinerários formativos*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2019.

Documento que estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos, conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Novo Ensino Médio. Descreve os eixos estruturantes dos itinerários e as habilidades relacionadas a cada eixo.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. Referência nos estudos acadêmicos sobre a história da literatura no

Brasil e como manual de consulta para professores e estudantes, o livro oferece uma apreciação das tendências e dos principais autores brasileiros, desde o período colonial até a contemporaneidade.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

Nesse resumo histórico da literatura brasileira, desde o século XVI até a contemporaneidade, o professor Antonio Candido procura explicar a formação de um sistema literário que pressupõe a articulação entre autores, obras e públicos, de modo a estabelecer uma tradição. Obra canônica, recomendada a professores que desejem se aprofundar no estudo da formação da literatura brasileira.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece nessa obra uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para instigar a reflexão sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece importantes considerações sobre aspectos que devem ser considerados ao planejar atividades que envolvam a leitura autônoma, a leitura compartilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, a obra se configura como referência para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer (org.). *A literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula. Caderno de leituras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. PDF disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/sala_professor/detalhe.php?id=1. Acesso em: 30 set. 2020.

Conjunto de ensaios que analisam temas e recursos linguísticos recorrentes na obra de Jorge Amado, essa publicação oferece possibilidades para o trabalho com os livros de Jorge Amado na sala de aula. Cada um

dos ensaios é seguido de sugestões de leituras e propostas de atividades voltadas a estudantes de Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Nessa coletânea de ensaios, a professora e pesquisadora Leyla Perrone-Moysés analisa aspectos da produção literária e do ensino de literatura nos tempos atuais. Como o próprio título sugere, ela se concentra nas transformações que a literatura vem sofrendo e analisa tendências contemporâneas na produção, na crítica literária e no ensino.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer (orgs.). *O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula. Caderno de leituras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. PDF disponível em: <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>. Acesso em: 30 set. 2020.

Pesquisadores das áreas das Ciências Sociais e Humanas analisam a produção literária de Jorge Amado pelas lentes da Antropologia, da Sociologia, da História e da política. Essa abordagem interdisciplinar para a literatura do escritor evidencia sua habilidade em interpretar o Brasil e aponta muitos caminhos para a leitura dos estudantes, constituindo-se em material de grande utilidade para professores de Ensino Médio.

OBRAS CITADAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Conanda/Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 2019.

LAJOLO, Marisa. “Entre o bem e o mal”. In: *Histórias sobre ética*. São Paulo: Ática, 2003. Para gostar de ler, v. 27.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.